

O USO DE PÓRTICOS NO URBANISMO GRECO-ROMANO: A DISSEMINAÇÃO DE UMA FUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO URBANA

*THE USE OF PORTICOES IN GRECO-ROMAN URBANISM:
THE SPREAD OF AN URBAN INTEGRATION FUNCTION*

JOSÉ MARQUES CARRIÇO, ANA ELENA SALVI

RESUMO

Para além de suas características estruturais e formais, o pórtico foi um elemento importante no urbanismo greco-romano, usado como transição entre os espaços livres e edificados, conectando o tecido urbano e criando áreas de sociabilidade de uso público. Seu uso atingiu o ápice no Império Romano, que o disseminou sistematicamente em todo o seu domínio, com finalidade, técnica e materiais diversificados, tornando-se um elemento fundamental do urbanismo. Dessa forma, a partir de estudo de referencial teórico predominante no campo da história do urbanismo e algumas visitas *in loco*, busca-se apresentar um quadro de referências sobre os distintos tipos de utilização e funções dos pórticos no espaço urbano, assim como dos responsáveis por suas construções e do processo de disseminação por todo o território do Império Romano. Esse elemento arquitetônico assentou raízes no urbanismo ocidental e permanece, até os dias atuais, oferecendo aos cidadãos espaços de transição entre o interior e o exterior das edificações, conectando logradouros e proporcionando áreas especiais de fruição da vida urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura. Pórticos. Urbanismo greco-romano.

ABSTRACT

In addition to its structural and formal characteristics, the portico was an important element in Greco-Roman urbanism, as a transition between open and built spaces, connecting the urban fabric, and creating areas of sociability for public use. Its use reached its peak in the Roman Empire, disseminating it systematically throughout its domain, with diversified purpose, technique, and materials, becoming a fundamental element of urbanism. Thus, based on a bibliographic review and on-site visits, we seek to present a framework of references about the different types of use and functions of the porticos in the urban space, as well as those responsible for their construction, and the dissemination process throughout the territory of the Roman Empire. Since then, this architectural element has taken root in western urbanism, and continues, until this day, to offer citizens transition spaces between the interior and exterior of buildings, connecting streets, and offering special areas for the enjoyment of urban life.

KEYWORDS: Architecture. Porticoes. Greco-Roman urbanism.

INTRODUÇÃO

SEGUNDO RUDOFISKY (1969, não paginado), ao criticar a deterioração das cidades modernas, “[...] o elemento mais refinado das vias é o pórtico” e “[...] sua função não é apenas de abrigo contra os elementos ou proteção a pedestres quanto a riscos do tráfego, pois além de emprestar unidade à paisagem urbana, eles substituem os antigos fóruns”. O autor acrescenta que na Europa, norte da África e Ásia, pórticos são comuns, pois foram incorporados à arquitetura “formal”.

Vitrúvio (2007, p. 40) definiu pórtico como “galeria coberta ladeada de colunas”, enquanto para Taylor, Rinne e Kostof (2016, p. 357), é “[...] um corredor delimitado por uma fileira de colunas ou uma arcada”, mas “frequentemente, o termo (latim *porticus*) refere-se a um peristilo, um recinto retangular cercado por colunas”. Para Guidi e Apollonj (1935, *online*), pórtico é o:

Edifício, em geral, de forma retangular, geralmente muito alongado, que, pelo menos em um dos lados mais longos abre com uma série de colunas ou pilares junto a um espaço aberto (rua, praça, pátio, jardim), tendo acima um terraço ou uma galeria superior ou um segundo andar.

Na história da arquitetura, é variado o uso de pórticos e seus sistemas construtivos. Nas civilizações mais antigas da Mesopotâmia, Ásia Menor e do Nilo, pórticos consistiam no espaço formado por coberturas planas apoiadas no conjunto arquite-trave-coluna. No Egito, no acesso à necrópole de Saqqara (“A” na *Figura 1*), há uma espécie de colunata ainda associada às paredes, que precederá os primeiros pórticos, como serão encontrados no Templo de Filas e Edfu (“B” e “C” na *Figura 1*). É no Templo da rainha Hatshepsut, no entanto, (“D” na *Figura 1*) que o pórtico com arquite-trave e pilar caracteriza a espacialidade do monumento. Mais tarde, esse sistema evoluiu para o uso de abóbadas de formas e materiais variados, apoiadas em arcos e colunas.

Nas civilizações egípcia, hitita e egeia, pórticos eram utilizados como acesso a templos. Na civilização greco-romana evoluíram do propileu (pórtico monumental) para usos ligados à vida urbana, como transição entre interior e exterior das construções, junto a espaços comerciais, teatros e termas ou servindo ao simples hábito de passear pela cidade (GUIDI; APOLLONJ, 1935).

Segundo esses autores, não é possível distinguir claramente a função dos vários tipos de pórticos encontrados em escavações ou fontes epigráficas, pois “[...] costumavam servir ao mesmo tempo para vários usos”, como a *Stoa Pintada* da Ágora de Atenas, utilizada para passeio dos cidadãos, administração da justiça e nas conversas dos filósofos¹. O pórtico de Lúvia, em Roma, embora delimitasse um templo religioso, foi elogiado por Ovídio e Strabão como um esplêndido passeio público. Para Guidi e Apollonj (1935, *online*), no mundo greco-romano é possível classificar os pórticos de acordo com seu destino principal: santuários; ginásios, termas e jardins; portos; teatros, anfiteatros, estádios e circos; fontes ou testadas de quadra, ladeando ruas.

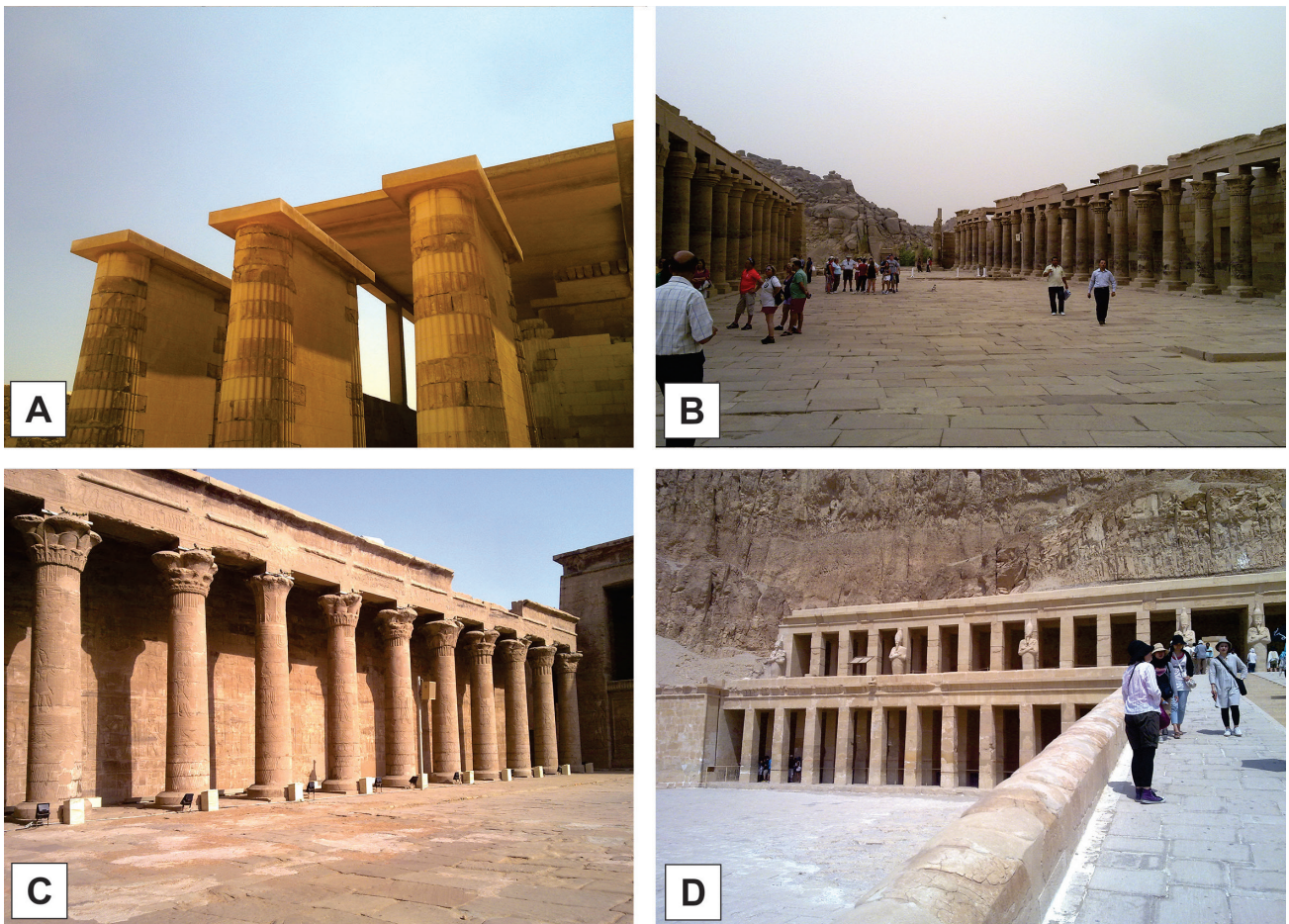


FIGURA 1 – Pórticos em templos egípcios.

Fonte: Fotografia dos autores (2010).

Conforme fontes arqueológicas, documentais e epigráficas, o uso urbanístico dos pórticos se afirmou no período clássico de Atenas para depois transportar-se a Roma republicana, de onde se difundiu e consolidou-se pelo mundo romano com a expansão do Império.

Assim, a partir de posterior pesquisa *in loco*, com aportes de obras selecionadas e identificando referências culturais e arquitetônicas, busca-se resgatar o processo de disseminação do uso dos pórticos como elemento de transição entre espaços da arquitetura e do urbanismo, procurando estabelecer o contexto histórico e social em que foram adotados no mundo greco-romano, de onde chegaram ao presente como elementos de grande importância para a vitalidade urbana.

Com esse objetivo, privilegiar-se-á o período entre a antiguidade arcaica e a afirmação da civilização greco-romana até a dissolução do Império do ocidente, em que os pórticos sofrem alterações em usos e técnicas construtivas, transformando-se em elementos fundamentais do programa urbanístico replicado em todo o Império.

O USO DE PÓRTICOS NO MUNDO ANTIGO

A partir de alguns autores e pesquisa em campo, foi possível reconstruir um possível percurso histórico do uso do pórtico como elemento de transição entre espaço interno e externo das edificações, em especial no tocante à generalização de seu uso no espaço urbano.

É possível identificar indícios do uso de pórticos em espaços sagrados, lúdicos ou administrativos de uso coletivo, antes da antiguidade clássica. Benevolo (2019) apresenta exemplos de cidades do atual oriente próximo, cujas escavações revelaram o uso de pórticos por meio da reconstituição do traçado urbano, como em Tel-el-Amarna, no Egito (1370-1350 a.C.), e no conjunto monumental de Persépolis, na Pérsia. De acordo com Guidi e Apollonj (1935, *online*):

[...] a existência de arcadas primitivas já é encontrada nos edifícios pertencentes à civilização egípcia, hitita e egeia; a partir desses protótipos distantes, desenvolve-se o tipo de pórtico greco-romano, que servirá de modelo para construções cristãs e arquitetura renascentista.

Segundo esses autores, no palácio de Tirinto², no Peloponeso:

[...] além de vários átrios e propileus, cuja estrutura é semelhante a dos pórticos, há um grande pátio, que antecede o megaron masculino, com um altar no meio e ao longo dos pórticos embrionários dos quatro lados, que descortinam os espaços abertos ao redor (GUIDI; APOLLONJ, 1935).

Guidi e Apollonj (1935) afirmam que o palácio de Cnossos, em Creta, não possuía pórticos no grande pátio central, mas que foram identificados nas escavações do pátio principal do palácio de Festo, na mesma ilha. Contudo, a maquete do palácio de Cnossos (*Figura 2*), no Museu Arqueológico de Heraklion, apresenta o uso de pórticos como elementos de transição entre espaços livre e construído, na praça central. Apesar da atuação polêmica da

FIGURA 2 – Maquete do Palácio de Cnossos.

Fonte: Fotografia dos autores (2019).



equipe do arqueólogo Arthur Evans³, a maquete revela o uso desses elementos no período palaciano da civilização minoica, que atingiu seu auge na Idade do Bronze (séculos XIX a XVI a.C.). No modelo, observa-se a existência de pórticos em três faces da praça retangular, na área central do palácio. Em uma delas, os pórticos possuem três pavimentos. Como na formação da civilização minoica é identificada influência cultural egípcia e assíria (MEDLEY, 2017; BLACK, 2013), é provável que o sistema construtivo adotado nos pórticos, constituído por arquitraves e colunas, tenha origem naquelas civilizações.

O USO DE PÓRTICOS NO MUNDO GREGO

Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), a partir do século IV a.C., templos importantes passaram a adotar pórticos “construídos em formas cada vez mais simétricas”, constituindo “[...] um períbulo ao redor da praça, onde ficavam os degraus, o pronao e a cela”, como no templo de Ártemis, em Éfeso, reconstruído pelo arquiteto Chirocrate. O santuário de Apolo, em Delos, era limitado ao norte pelo pórtico de Antígono, chamado de “Stoa dos chifres” devido à “[...] decoração das cabeças de touros no entablamento, e no lado sudoeste pelo pórtico de Filipe V, ambos do século III a.C.”.

Benevolo (2019) também apresenta exemplos de uso de pórticos em templos gregos do período clássico, como no recinto sagrado de Olympia. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), “[...] uma das arcadas sagradas mais antigas e famosas era a dos atenienses, em Delfos (final do século VI), no estilo jônico”. Conforme essa fonte, “[...] duas outras *stoai* de Delfos, do período helenístico, foram construídas na entrada principal dos temenos⁴, destinadas ao restante dos peregrinos e à venda de objetos sagrados”. Essa função, difundida no mundo romano, é encontrada em vários sítios da antiguidade. Guidi e Apollonj (1935) também apontam exemplos de *stoai* em templos como o Anphiareion, de Oropo, os de Asclépio (Esculápio para os romanos), em Epidauro e Cós, assim como a Stoa Pintada, de Olympia.

Em Atenas, há registros da construção de *stoai* desde o século V a.C., como no santuário de Esculápio, ampliadas em 300 a.C. O santuário, construído por Telêmaco em 420 a.C. no sítio da Acrópole, possuía pórticos com colunas dóricas nos pavimentos inferior e superior, esse com pé-direito menor. Atualmente existem poucos vestígios de suas colunas.

Sobre o uso de colunas mais altas no térreo, Vitrúvio (2007, p. 177) assinala que “[...] as colunas superiores deverão ser executadas uma quarta parte menores que as inferiores, pois, para suportarem o peso, as colunas debaixo deverão ser mais fortes que as de cima”. Conforme Guidi e Apollonj (1935), no início do século III a.C., Sostrato di Cnido, arquiteto do Farol de Alexandria, no Egito, introduziu o segundo pavimento nos pórticos, inovação adotada pela arquitetura helenística e depois pela romana.

Também localizada no sopé da Acrópole, com colunas dóricas no térreo voltadas ao exterior e colunas jônicas no interior, a *stoa* doada por Eumenes

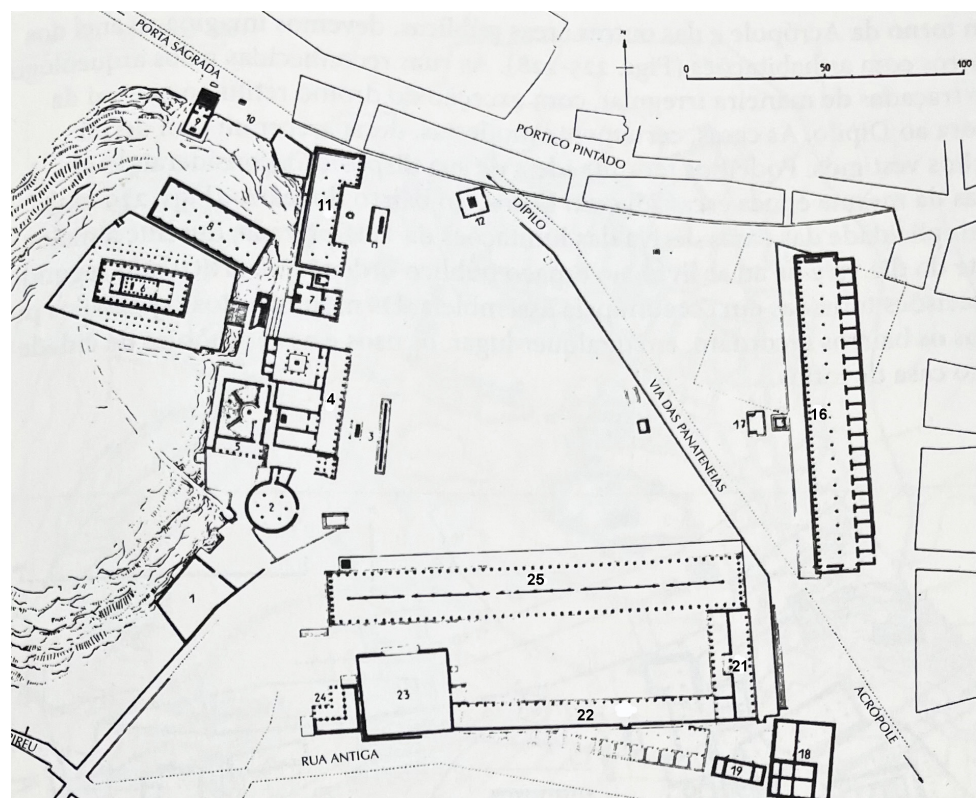
II, Rei de Pérgamo (197 a 159 a.C.), conectava o Teatro de Dionísio e o Odeon de Herodes Ático, desempenhando importante papel urbanístico (BENEVOLO, 2019). No pavimento superior o pé-direito era menor, com o mesmo número de colunas. Conforme Guidi e Apollonj (1935), os pórticos *post scaenam* serviam à conveniência do público e para preparação dos coros. Em alguns estádios, como em Messini e Afrodísia, eram usuais pórticos coroando a cava, esquema adotado pelos romanos. Os estádios de Mileto e Éfeso tinham arcadas monumentais em suas entradas, solução adotada em Roma, no teatro de Pompeu.

Conforme Guidi e Apollonj (1935, *online*), os gregos usavam pórticos em fontes públicas, para proteger as nascentes contra a poluição, “[...] para a conveniência daqueles que tiravam água (as mulheres livres também se dirigiam à fonte), para pendurar presentes votivos às deidades padroeiras do lugar”, como a fonte Callirroe, de Atenas, os Hekatóstylos, de Megara, o santuário de Apolo de Cirene e o de Iálisio, em Rodes.

Segundo Benevolo (2019), na Ágora de Atenas do período helenístico (Figura 3), entre os séculos III e II a.C., já se podia observar o pórtico de Metroon (4), a Stoa de Zeus Eleutério (11), a Stoa de Átalos (16), a Stoa Sul (22) e a Stoa do Meio (25). Nesse período, pórticos foram adicionados às extremidades da Stoa Real e a área central inteira da Ágora era circundada por colonatas. A Stoa do Meio dividiu o espaço aberto em duas partes, para as quais sua colonata se abria. Stoai de uso comercial bordeavam o caminho do Panatenaico, a noroeste da Ágora, com lojas de luxo, dando um ar monumental ao conjunto e oferecendo espaços para encontro, compras ou observar a procissão quadrienal.

FIGURA 3 – Ágora de Atenas no período helenístico.

Fonte: Benevolo (2019, p. 117).



Conforme Guidi e Apollonj (1935), em outras partes de Atenas existiam arcadas especialmente destinadas ao comércio, como a *Stoa Alfitópolis*, para comércio de farinha. Os arquitetos do período helenístico regularizaram e harmonizaram os pórticos entre si, mesmo quando as cidades ficavam em terrenos acidentados, como Ege, Alinda e Asso, na Ásia Menor, com pórticos cercando praças principais ou mercados, “[...] apoiados no exterior por edifícios de vários andares muito altos, admiráveis pela simplicidade do design e perfeição da técnica” (GUIDI; APOLLONJ, 1935, *online*).

Segundo essa fonte, residências particulares também possuíam pórticos do lado de fora, para conveniência dos transeuntes e comerciantes que alugavam lojas no térreo. Assim, pórticos se alinhavam ao longo das grandes ruas das cidades gregas, as *plateias*, como a que levava de *Dipylon* à *Ágora*, em Atenas.

Benevolo (2019), Morris (2013) e Vitrúvio (2007) referem-se à adoção de pórticos em cidades gregas da Ásia Menor, como Esmirna, Estratoniceia, Trales, Mileto, Priene e Pérgamo. Segundo Benevolo (2019), em Mileto havia uma *ágora* retangular fechada do Século II a.C., com lojas e ateliês ao redor, fazendo transição entre pátio central e espaço interno. Em Priene, observa-se um recinto porticado na *ágora* retangular e uma *stoa* no lado oposto, além do coroamento com pórticos nos quatro lados da arquibancada do estádio.

Em Pireu, o uso de pórticos remonta ao período clássico – como o Pórtico Longo, armazém para fornecimento de grãos fundado por Péricles. Observa-se que “[...] o pórtico podia ser dividido em duas ou mais naveas por fileiras medianas de colunas ou pilares internos” e “[...] às vezes, como no pórtico dos Corcireses, em Élide, e no de Felipe, em Delos, dois pórticos abertos para o exterior se voltavam contra uma parede longitudinal central, orientada segundo dois pontos cardeais diametralmente opostos” (GUIDI; APOLLONJ, 1935, *online*). Nos pórticos mais monumentais, o teto tinha duas águas, formando pequenos frontões nos lados menores.

Até hoje, com a adoção de modernas estruturas de concreto armado, pórticos podem ser encontrados nas cidades gregas, como Atenas, Pireu e Zaquintos (*Figura 4*), em que se observa a continuidade dos conjuntos de pórticos em vias de áreas centrais como elemento de transição entre espaço público e atividades comerciais.



FIGURA 4 – Pórticos da Rua Alexandrou Roma, em Zaquintos.

Fonte: Fotografia dos autores (2019).

O USO DE PÓRTICOS NA ROMA REPUBLICANA

Segundo Gros e Torelli (2007), desde meados do período republicano é identificado o uso de pórticos em Roma como espaço de transição entre áreas internas e externas, em espaços sagrados, administrativos, lúdicos ou comerciais. Exemplo notável é o *Macellum*, principal centro de abastecimento do século III a.C., situado na colina Célia, com pórticos flanqueando o perímetro da praça retangular, permitindo a circulação em frente às bodegas. Esses autores afirmam ter sido esse sistema “[...] organizado segundo o modelo púnico-helênico”, estabelecendo a provável origem desse elemento edilício adotado generalizadamente nos períodos tardo-republicano e imperial (GROS; TORELLI, 2007, p. 123). Assim, além da referência grega, identifica-se uma possível adoção de modelos cartagineses e fenícios no uso de pórticos pelos romanos.

Para Guidi e Apollonj (1935, *online*):

As arcadas públicas multiplicam-se em número, amplitude e esplendor, à medida que avançamos da arte grega dos séculos mais antigos para a helenística, e daí para a arte imperial romana, que as tornou um uso muito amplo, tanto na capital, quanto nas cidades provinciais, geralmente usando o arco e não a arquitrave. As arcadas provaram ser de grande utilidade pública, tanto para se defender contra as chuvas e os rigores do inverno no norte, quanto para se abrigar dos raios de sol escaldantes nas regiões sul e especialmente nas cidades africanas.

Pode-se vincular o uso de pórticos em Roma ao período denominado do “luxo asiático” (GROS; TORELLI, 2007, p. 180), identificado com a “helenização” dos costumes e pelo consumo opulento, quando se adota o mármore nas construções, com padrões mais sofisticados. Os autores registram a atuação de arquitetos gregos em Roma, como Ermodoro de Salamina, atribuindo-lhes o uso de materiais requintados e maior esmero na ornamentação. Conforme Taylor, Rinne e Kostof (2016, p. 25), no resto do século II a.C., os pórticos proliferaram em Roma, “[...] imitando os esquemas colunares unificados do urbanismo helenístico”, em um contexto de erupção “da monumentalização urbana à maneira grega”. Portanto, é provável que a introdução dos pórticos em Roma se deva aos profissionais helênicos.

Conforme Gros e Torelli (2007, p. 133), uma carta de Felipe V da Macedônia apontava que Roma possuía, antes desse período, edilícia majoritariamente de alvenaria, “[...] sem uso de pórticos e pobre em ornamentação” e o período do “luxo” teria resultado no aumento de seu poder, com conquistas no oriente e no ocidente nas primeiras décadas do século II a.C. Essa face helênica é dada, em primeiro lugar, com a adoção das *stoai* como elemento de costura do tecido urbano entre partes da cidade e também para a proteção contra as intempéries.

Para Gros e Torelli (2007, p. 134), o pórtico “[...] é o elemento fundamental da arquitetura e do urbanismo tardo-republicano e imperial”, sendo um dos primeiros o de Otávio, de 168 a.C., cujo remanescente se encontra junto ao Teatro de Marcelo. Como outros, esse pórtico foi concebido como praça

fechada, o primeiro com essa forma, com função de passeio junto ao comércio e de acesso a edifícios sacros, funcionando como “salão de luxo” para reuniões públicas. O pórtico de Otávio possuía colunas com capitel coríntio e foi o primeiro com função predominante de lazer, marcando o caráter da vida urbana da época. Antes (193 a 179 a.C.), os pórticos “[...] eram construídos no sistema das *stoai*, paralelos às vias” (GROS; TORELLI, 2007, p. 144).

O período republicano foi marcado por intensa reformulação urbanística de Roma, na área dos circos Flamínio e Massimo, e dos fóruns Olitorio e Boario (GROS; TORELLI, 2007). Com um sistema de pórticos, os templos principais e o porto fluvial, no Tibre, foram interligados às portas urbanas. Nessa área, destaca-se o colossal Pórtico Aemilia, de 179 a.C., um armazém para estocagem de alimentos junto ao porto do Emporium. Na Forma Urbis, planta de Roma do período de Sétimo Severo, percebe-se a importância dessa construção, com 50 naves e 30 mil m², que teria seguido o modelo da sala hipostila de Delos, do século III a.C. e das *stoai* helênicas comerciais. O sistema construtivo marcou uma revolução tecnológica, com a adoção da abóbada de berço. O complexo era constituído, também, pelos pórticos *Trigeminam inter lignarios* e *Post navalia* (GUIDI; APOLLONJ, 1935, *online*), ligando a Porta Trigemina ao Emporium, e na direção do Campo de Marte, ligando o rio Tibre à parte posterior do Templo da Esperança e este ao Templo de Apollo Medico, enquanto um terceiro pórtico conectava os templos principais da área mencionada ao caminho junto ao rio, com acesso ao porto militar e ao Templo de Hercules Vencedor. A Ponte Emília, segunda a ser construída sobre o Tibre, prolongava esse sistema de pórticos, conectando-os com o Trastevere (GROS; TORELLI, 2007).

Segundo Gros e Torelli (2007), na área do atual Largo da Torre Argentina, o pórtico de Minucio, da última década do século II a.C., tinha função de centro administrativo de distribuição de grãos à plebe e de centro de controle do abastecimento de água de Roma pelos aquedutos, o *statio aquarum* imperial. Na mesma área do Circo Flamínio, junto ao Pórtico de Felipe, foi construído o Pórtico de Metello, unindo os templos de Juno Regina e Júpiter Estator⁵, os dois primeiros edifícios de Roma construídos com mármore, em 146 a.C., posteriormente restaurado e rebatizado por Augusto com o nome de Pórtico de Otávia⁶, ainda com remanescentes.

O Chalcidicum, construído em 29 a.C. e conhecido como *Atrium Minervae* (COARELLI, 2014), ligado à Cúria (GROS; TORELLI, 2007), é um exemplo de uso de pórtico como átrio de templos. Segundo esses autores, na mesma área se encontra o Teatro de Pompeu, cujo acesso era constituído por um sistema de pórticos conhecido como “Ambulatório Magno” e “Salão dos Cem Pilares”, concluído em 62 a.C.

Após a campanha do oriente, entre 64 e 52 a.C., Pompeu realizou um programa de edificações de característica helênica, constituído por um teatro para 17 mil espectadores, cujo modelo foi o de Mitilene, em Lesbos, na Grécia (GROS; TORELLI, 2007). O complexo possuía um conjunto de pórticos *post*

*scaenam*⁷, no alinhamento do Pórtico de Minúcio, integrando a vila residencial de Pompeu com o Circo Flamínio, reunindo os elementos fundamentais ao controle ideológico e material da plebe, *ludi, pompae e frumentationes*, a distribuição de grãos para a população. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), “[...] os pórticos *post scaenam* são encontrados em todos os teatros romanos da era imperial” na forma de galeria interna que corria no topo do auditório de teatros, anfiteatros e circos, como no Coliseu e no circo de Calígula.

Por volta de 78 a.C., no Capitólio, foi construído o Tabularium, arquivo geral do Estado, constituído por pórticos e atribuído ao arquiteto L. Cornélio (GROS; TORELLI, 2007). Nessa área, visando eliminar o desnível do terreno entre o Capitólio e a Arx, foi construído um enorme muro de arrimo, ainda existente, com uma via coberta por pórticos seguida de passagem dotada de aberturas, cujo objetivo era ligar o templo de Juno Moneta ao de Saturno, que delimitava a área do Fórum.

Segundo Gros e Torelli (2007), o conjunto de pórticos na área reformulada por Pompeu possuía jardim central e passeio coberto no centro, rodeado por pórticos que abrigavam uma estatuária grega. Entre esses pórticos e o Pórtico de Minúcio foi construída a Cúria Pompeia, sala de reuniões do Senado, em cujo lado norte Pompeu mandou edificar o longuíssimo Pórtico Lentulorum, que unia o complexo à Saepta, local de reuniões e votações. No mesmo eixo dos pórticos do teatro, alinhavam-se, à sede do Senado, o Pórtico de Minúcio e o Templo das Ninfas, no qual ocorria distribuição de grãos.

No auge da República, o uso de pórticos estendeu-se, também, às colônias latinas e romanas, assim como às províncias. Guidi e Apollonj (1935, *online*) afirmam que as cidades provinciais competiam por “[...] um fórum com o Capitólio e arcadas, geralmente construídas para que apenas pedestres pudessem acessar as praças”.

Segundo Gros e Torelli (2007), os pórticos compunham o programa edilício básico de Roma para suas colônias, contribuindo para serem difundidos no meio do período republicano, já tendo o uso generalizado no fim desse período. Conforme essa fonte, na colônia marítima de Sinuessa, a construção de esgotos, bodegas e pórticos no fórum fez parte de um grande programa de ampliação desenvolvido por Roma, reproduzindo o sistema de pórticos na praça central junto ao comércio. Também no santuário elevado da colônia de Palestrina, pórticos configurando uma planta em “u” delimitavam o espaço público defronte ao teatro. E ainda, fora da área urbana de Tívoli, sobre enorme embasamento, erigiu-se o santuário de Hércules, junto ao teatro, com pórticos com o mesmo tipo de planta, mas em dois níveis (GROS; TORELLI, 2007). A plataforma do embasamento foi atravessada por uma via coberta por pórticos e delimitada por bodegas nos lados, como função de um *fórum pecuarium*, semelhante à antiga Ara Máxima de Hércules, no Fórum Boario. Segundo Coarelli (1997, *apud* GROS; TORELLI, 2007, p. 195), essa solução representa a:

[...] tradução mais clara da típica forma mental da classe dirigente romana, no momento de maior intensidade da exploração da escravidão, quando as estruturas econômicas da sociedade são cada vez mais percebidas como em deterioração e, portanto, devendo cuidadosamente ser ocultadas e mistificadas.

O USO DE PÓRTICOS NA ROMA IMPERIAL

Em Roma, os pórticos foram sistematicamente utilizados no período imperial. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), o “[...] plano diretor da Roma imperial fazia grande uso das arcadas construídas ao redor dos templos” e, também, “[...] por motivos religiosos, assim como para o saneamento dos bairros populares e para o tráfego conveniente dos cidadãos”, em especial no Campo de Marte. Conforme essa fonte, o comprimento total dos dez principais pórticos nesse setor era de cerca de 4,5km, com mais de 2 mil colunas, sendo o comprimento “[...] frequentemente indicado com inscrições especiais”. A área total ocupada por pórticos era de cerca 100 mil m².

Nesse período disseminaram-se pórticos vinculados às atividades comerciais. Os mercados tinham pórticos internos ou externos, conhecidos pelos nomes dos produtos neles comercializados, como o pórtico Fabaria, próximo à porta Trigemina, e o pórtico Margaritaria, perto do Fórum Boario, um para comerciantes de leguminosas e outro para joalheiros (GUIDI; APOLLONJ, 1935).

Segundo Guidi e Apollonj (1935), na era imperial, o número de fontes multiplicou-se e o pórtico se tornou o pano de fundo para colunas, lintéis e nichos atrás dos tanques, como nas grandes ninfas de Side, em Panfília, e Leptis Magna, em Tripolitania.

Conforme Gros e Torelli (2007), em 54 a.C. Cesar muda novamente o epicentro do poder para a área do Fórum, construindo a Basílica Julia, concluída por Augusto, no lugar da antiga Basílica Sempronia. Nessa área, L. Emílio Paolo restaura a Basílica Emília, paralela à Julia. Cesar intencionava ampliar o Fórum, transformando-o em nova praça. Para isso comprou um terreno privado, no qual, em 46 a.C., foi inaugurada uma praça retangular com tabernas no lado sudoeste e pórticos circundando três lados, intervenção que marca o início de uma era de intensa produção dos imperadores, nessa área. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), os Fóruns Imperiais “[...] ofereciam uma sequência maravilhosa de arcadas monumentais”.

O próprio Vitrúvio fornece regras para a construção de fóruns flanqueados por pórticos, modelo a ser adotado nas colônias, apresentando curiosa reflexão acerca da relação entre fóruns e pórticos:

Os gregos dispõem os fóruns num quadrado com amplíssimos pórticos duplos e colunas cerradas, que adornam com epistílios de pedra ou de mármore, e nos pavimentos superiores constroem passeios. Todavia, nas cidades da Itália não se deve proceder desse modo, pois nos foi deixado

pelos nossos maiores o costume de apresentar jogos de gladiadores no fórum (VITRÚVIO, 2007, p. 176).

Gros e Torelli (2007) registram a construção de pórticos nas colônias latinas de Alba Fucens e Cosa. Em ambas o fórum era delimitado em três lados por pórticos, como no de César.

Augusto intervém na área do Fórum de César ampliando o espaço constituído, respeitando o alinhamento das basílicas que o compunham, e, perpendicularmente a esse, constrói nova praça, evitando o fechamento periférico com pórticos (GROS; TORELLI, 2007). Nessa praça, restaurada em 14 a.C., destacam-se os novos pórticos de Gai e Luci. Funcionalmente os dois fóruns permaneciam separados, embora devessem ser ligados. Esse arranjo assemelha-se ao das intervenções do II século a.C. na área do Circo Flamínio.

Segundo esses autores, o quadripórtico de Livia, inaugurado em 7 a.C., com área quase tão grande quanto o Fórum de Augusto, foi erguido no limite com o bairro popular Suburra, a leste da colina Oppio. O conjunto foi construído no lugar da esplêndida casa de Vedius Pollio, deixada por herança a Augusto. Para Gros e Torelli (2007, p. 205), “[...] a implantação destacava-se pela proximidade com um bairro marcado pela ausência de coerência urbanística”, provavelmente por seu crescimento espontâneo.

Desde 25 a.C., Agrippa interveio a norte e noroeste do Pórtico de Pompeu secando o pântano Caprae, onde a lenda atribuiu o desaparecimento de Romulo, ali construindo a primeira parte do Pantheon, em frente à basílica dedicada a Netuno. Nesse complexo foi construído o Pórtico dos Argonautas, a oeste da Saepia Julia, tendo outro pórtico do lado oposto, compondo uma praça fechada. O pórtico integrava um complexo com edifícios adicionados por Agrippa no Campo de Marte (GROS; TORELLI, 2007).

Em governos posteriores a área do Fórum foi ampliada, cada vez de forma mais luxuosa, com a adoção de pórticos bordeando praças retangulares. São exemplos notáveis do século I d.C. a Domus Áurea de Nero, o Fórum Transitório e o Fórum de Trajano com o edifício do Mercado, cujo programa se assemelha às galerias comerciais contemporâneas (GROS; TORELLI, 2007). No tempo de Trajano destaca-se o porticado retangular do edifício da biblioteca, com um pórtico semicircular na extremidade, antecedendo o acesso ao templo.

No período de Domiciano, pela monumentalidade e pelo caráter de integração dos monumentos adjacentes, merecem destaque os pórticos Divorum e Delta, no Campo de Marte. Sob Adriano acrescentou-se a praça retangular, encerrada por pórticos em três lados, diante do Pantheon, já com a adição da Rotonda.

No mesmo século, sob o governo de Nero, teria ocorrido a adoção de pórticos nas ínsulas, edificações ocupadas pela plebe para fins residenciais, geralmente com uso comercial no térreo. Sem atenderem a um planejamento sistemático, as ínsulas ocupavam uma grande área ao redor do Fórum e do

Campo de Marte. Segundo Gros e Torelli (2007, p. 236), “Nero havia estimulado a regularização das ínsulas e a criação de residências organizadas racionalmente, com pórticos periféricos e pátios internos”. Escavações realizadas no início do século XX trouxeram à vista a ínsula Felicles, do século II d.C., diante da atual Piazza Colonna, onde foram identificados pórticos, com pilares de travertino, paralelos à atual Via del Corso (GATTI, 1917; TAYLOR; RINNE; KOSTOF, 2016).

Segundo Taylor, Rinne e Kostof (2016), Tácito, embora crítico de Nero, via com bons olhos sua decisão de aproveitar o incêndio que destruiu grande parte da cidade para realizar um plano de renovação urbana. Segundo sua narrativa, com exceção das partes da cidade atingidas pelo sinistro e ocupadas pela luxuosa Domus Áurea, gigantesco palácio que Nero construiu onde depois foi edificado o Coliseu:

[...] as demais não foram construídas sem discriminação ou aleatoriamente, como após o incêndio gaulês [em 387 d.C.], mas em renques com mesmas dimensões de ruas e largas avenidas, com restrições de altura em edifícios, áreas abertas e a fixação de pórticos para proteger as fachadas dos blocos de apartamentos (TAYLOR; RINNE; KOSTOF, 2016, p. 64).

Conforme Taylor, Rinne e Kostof (2016, p. 64), “Nero prometeu construir esses pórticos com seu próprio dinheiro e devolver os lotes limpos aos seus proprietários”. Edifícios passaram a ser construídos em certas partes “[...] com pedra Gabine ou Alban, à prova de fogo”, sendo proibidas paredes compartilhadas, nos perímetros das construções.

De acordo com Guidi e Apollonj (1935, *online*), após o grande incêndio da época de Nero:

[...] as ruas foram ampliadas, mais retas e repletas de arcadas; o trecho da Via Flaminia, entre o Capitólio e a coluna de Marco Aurélio, de um lado (oeste), o pórtico Saeporum Iuliorum e o pórtico Argonautarum (ao redor da Basilica Neptuni), a leste o porticus Vipsania, ligado ao Campo de Agrippa.

Para Coarelli (2014), duas grandes obras com pórticos são representativas do alto-império: as Termas Antoninianas, mais conhecidas como de Caracalla, iniciadas em 212, e o pórtico Boni Eventus, que unia as Termas Alexandrinas ao quadripórtico de Pompeu.

Conforme Guidi e Apollonj (1935, *online*), já nos séculos V e IV a.C. foram construídos ginásios com ampla utilização de pórticos, “[...] tanto na academia propriamente dita, que tinha a aparência de um peristilo quadrangular, como na área do jardim”. Vitruvius (2007) descreve esse tipo de ginásio helenístico com arcadas, cujos exemplos mais característicos são os de Delos, Olímpia, Priene, Epidauro, Delfos e Éfeso. Na Roma imperial, os ginásios com uso de arcadas tornaram-se acessórios das termas, como nas de Trajano, Caracalla e Diocleciano (GUIDI; APOLLONJ, 1935, *online*).

Até o ápice do império, o Fórum e o Campo de Marte foram objeto de intensa atividade edilícia, com sucessivas mudanças no tecido urbano e algumas alterações profundas no sistema viário. Nesse contexto, o sistema de pórticos, implantado no coração de Roma, substituiu em boa parte o viário tradicional, a céu aberto, promovendo alto nível de permeabilidade no conjunto edificado e conferindo um ar cosmopolita, segundo Gros e Torelli (2007), só observado em Alexandria.

A Figura 5 apresenta a localização, no período imperial, de alguns dos pórticos mencionados, com detalhe da maquete de Roma da área do Teatro de Pompeu, mostrando a disseminação dos pórticos no tecido urbano.

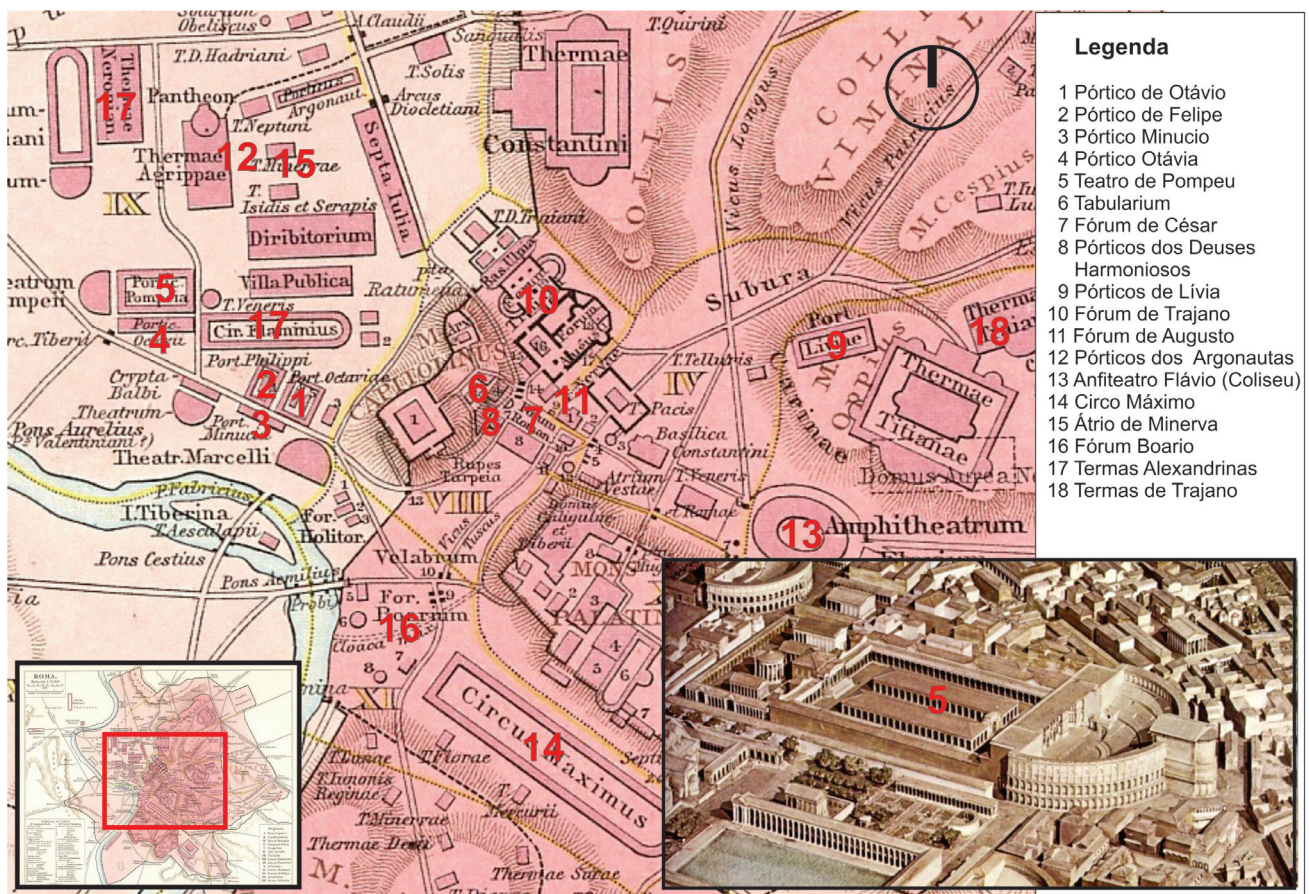


FIGURA 5 – Localização de pórticos na Roma imperial.

Fonte: Elaborado sobre mapa de G. Droysens Allgemeiner Historischer Handatlas (1886) com detalhe da maquete de Italo Gismondi (1971).

No período imperial, os pórticos integraram o modelo urbanístico adotado nas colônias romanas, onde exemplos de espaços com pórticos são observados, atestando a difusão do esquema no território do império.

Na remodelação urbanística da península itálica, unificada por Roma, pórticos associados a templos, teatros e ruas comerciais compunham o modelo que caracterizava o *status* de município romano. Segundo Gros e Torelli (2007), são desse período o tripórtico de Minturnae e os pórticos de Veii e Ostia. Nessa época multiplicam-se as praças retangulares fechadas com funções

administrativas, religiosas e comerciais, com perímetro bordado de pórticos, em que se destacam Ostia, Pozzuoli e Pompeia (GROS; TORELLI, 2007).

Ostia é um caso relevante, pois foi objeto de um “plano regulador” em 79 d.C. (GROS; TORELLI, 2007). Bem documentado, esse plano previa a construção de pórticos nas ínsulas (BENVOLO, 2019), como na ínsula Felicles, em Roma, revelando a imposição de regramento edilício com o objetivo de conferir um padrão urbanístico refinado. Taylor, Rinne e Kostof (2016) viram no plano de Ostia traços das ordenanças de Nero, como o afastamento entre edificações e o uso de alvenaria com abóbadas em pavimentos inferiores para evitar incêndios. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), “[...] ao longo das docas dos portos militares e comerciais gregos e romanos, surgiram longas fileiras de arcadas, para abrigo de navios e armazenamento de mercadorias”, como os casos mencionados em Pireu e Roma, além do porto de Trajano, em Ostia.

A disseminação do uso de pórticos no Império tem relação com a urbanização e reurbanização nas províncias, de acordo com um programa urbanístico e arquitetônico que variava conforme o status jurídico da colônia, embora de forma heterogênea. Para Gros e Torelli (2007), foi distinta a criação de novas cidades, em áreas onde a população ainda não era sedentária, com relação a assentamentos consolidados, como onde já haviam estado os gregos. Esse programa consistia, sobretudo, na adoção de muralhas, capitólios e de um plano ortogonal, embora não em todos os casos.

Muitas cidades provinciais foram dotadas de fóruns rodeados por templos e pórticos. O modelo do fórum, conforme Gros e Torelli (2007, p. 376), encerra uma contradição, pois é um espaço público por excelência, onde se concentram “[...] todos os símbolos da dignidade municipal”. Mas o espaço onde todos se encontravam e se reuniam era também um “[...] espaço fechado, inacessível aos veículos, desde que o esquema helenístico da praça porticada, amplamente difundida na Itália, a partir do início do século II a.C., agora constitui uma aquisição definitiva” do urbanismo romano. Em Pompeia é notável o uso de pórticos rodeando três faces do recinto do fórum (*Figura 6*), com a interrupção da Via da Abundância, com acesso vedado a veículos (BENVOLO, 2019).

Para Vitruvius, de início o fórum deveria ser destinado aos edifícios dos fundadores, e mesmo não ocupando o centro geométrico da cidade, tendo que se abrir em um dos pontos focais, onde convergiam ou se cruzavam os eixos viários mais importantes. Mas nem sempre isso ocorreu, e os pórticos desempenharam um papel relevante no processo de “fechamento” do espaço, representando uma espécie de conexão com o resto do tecido urbano.

No Império, o modelo urbano das colônias serviu para cidades com distintos status jurídicos. Aspecto central desse processo foi o evergetismo praticado pelos patronos das cidades em busca de consolidar seu poder e respeito tanto na esfera local, como no centro do Império. A produção de centros monumentais com espaços porticados generalizou-se no território do Império

FIGURA 6 – Remanescentes dos pórticos do Fórum de Pompeia.

Fonte: Fotografia dos autores (2019).



graças à iniciativa desses chefes locais, como na Gália, em Nîmes, Thugga e Metz (GROS; TORELLI, 2007). Esses autores destacam, ainda, a adoção de pórticos em várias províncias ocidentais, desde as mais distantes, como Britânia, até o norte da África.

Chama a atenção a atividade edilícia em assentamentos antes ocupados pelos gregos, entre as costas da Hispânia e da Gália Narbonense, respectivamente, como Ampurias e Glanum (GROS; TORELLI, 2007). O primeiro ostentava um capitólio circundado em três lados por pórticos e um criptopórtico⁸. O segundo, já no período grego, possuía praça trapezoidal circundada por pórticos, e no período romano, após a reconfiguração do tecido urbano, ganha outra praça porticada, em uma intervenção de grandes dimensões, em face da irregularidade do terreno. Portanto, nesse caso, observa-se um duplo

trajeto de disseminação de pórticos: do mundo grego para a costa ocidental do mediterrâneo e de Roma para o mesmo território, reafirmando a importância que o mundo greco-romano conferia a essa solução arquitetônica e à série de elementos edilícios aos quais os pórticos aparecem sempre associados.

Na Gália Narbonense, segundo Gros e Torelli (2007), escavações e fontes epigráficas revelaram o uso de pórticos em cidades como Arles, Nîmes e Orange, e na Hispânia Tarraconense, atual território da Espanha, em Tarragona, Bilbilis e Zaragoza (GROS; TORELLI, 2007). Segundo a mesma fonte, em Arles é notável o criptopórtico encimado por pórticos que circundavam três lados do fórum retangular com mais de 5 mil m². Em Nîmes destacam-se o pórtico e o propileu construídos por Adriano e o templo dedicado aos Césares, com pórticos em três lados. Em Orange, os pórticos fazem parte do Capitólio e do teatro, definindo uma área retangular de grandes dimensões.

Na Gália Belga, província em que o evergetismo foi menos difundido, a urbanização romana parece ter seguido um modelo único, atestado pelas escavações em uma rede de cidades de origem militar, castros com plantas ortogonais (GROS; TORELLI, 2007). Segundo esses autores, foram identificados pórticos nas cidades de Grand, Amiens, Trevere, August e Avenches. Em Grand, pórticos foram utilizados no santuário de Apolo. Em Amiens, há vestígios de pórticos de madeira junto às bodegas, no fórum. No conjunto monumental de Trevere⁹, atual Trier, na Alemanha, destaca-se o pórtico triplex junto a um templo e o quadripórtico do segundo fórum, do século IV d.C. (GROS; TORELLI, 2007). Em Avenches, pórticos foram utilizados para a elevação de um templo.

Na Germânia Inferior, destacam-se os casos de Colônia e Xanten, cujas vias porticadas atestam a tradição dessa solução urbanística em cidades de origem militar (GROS; TORELLI, 2007), seguindo o modelo grego, como nas colônias do norte da África. Em Colônia, o cardo e o decumano máximo, com larguras acima da média das colônias ocidentais, eram inteiramente porticados desde o século I d.C. O lado leste do fórum era circundado por pórtico semicircular. Em Xante, escavações identificaram um tipo de via porticada observada em Tingad, no norte da África, com uma fileira de colunas de pedra formando as fachadas das ínsulas, assegurando a unidade plástica da via na testada das quadras, mas intimamente conectadas às edificações. As colunas podiam diferir umas das outras conforme ritmo e comprimento, segundo a importância da ínsula. Essa configuração era típica do modelo militar de Vetera I e Inchtuhil, na Escócia.

Na Britânia, região do império privada de tradição urbana anterior, escavações confirmaram as origens militares dos fóruns de várias cidades, onde o exército implantou colônias na forma de castros, entre o fim do século I e o início do século II d.C. (GROS; TORELLI, 2007). Em Silchester, Caerwent, Londres, Leicester e Wroxeter, os fóruns eram quadrangulares, flanqueados de pórticos, junto aos quais se abriam uma ou duas fileiras de bodegas, com uma basílica de forma alongada em um dos lados.

No norte da África, em especial nos territórios púnico-fenícios, entre os atuais territórios da Líbia e Tunísia, escavações revelaram intensa atividade urbanística romana, marcada por uma edificação monumental, como em Cartago, Útica e Leptis Magna (GROS; TORELLI, 2007). Os dois últimos casos são especiais, devido à construção de largas vias porticadas em ambos os lados, as plateias, herança do processo de helenização pós-alexandrino. Em Leptis Magna ainda é possível admirar remanescentes da plateia com 45m de largura, junto às margens do rio Wadi Lebda, além do fórum Severiano, com seu quadripórtico com mais de 6 mil m².

Nessa região, destaca-se Timgad (*Figura 7*), na qual as colunas dos pórticos, em ambos os lados do decumano e do cardo máximo, configuram-se como verdadeiras testadas das ínsulas, cuja regularidade depende do alinhamento dessas e não do alinhamento da via (GROS; TORELLI, 2007). Portanto, esse esquema difere das plateias das colônias gregas, onde as colunas tinham o papel de esconder a irregularidade do tecido urbano. No cruzamento dessas grandes vias localiza-se o fórum, dotado de quadripórtico, onde o cardo é interrompido até o sul da área muralhada, cujo principal acesso, através do arco de Sétimo Severo, propicia a visão do decumano e seus pórticos enfileirados. A oeste, fora da muralha, o decumano é prolongado com pórticos em ambos os lados, garantindo a continuidade extramuros do desenho.



FIGURA 7 – Remanescentes dos pórticos de Timgad.

Fonte: The Monsoon Diaries. Disponível em: <https://monsoondiaries.com/2020/01/06/timgad/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

Segundo Guidi e Apollonj (1935), o uso de pórticos também se expandiu nas colônias do oriente, desde a Grécia até a Síria e Ásia Menor. Nessa região, ao contrário do ocidente, onde a urbanização era incipiente antes do Império, muitas cidades foram reurbanizadas de acordo com o modelo romano (GROS; TORELLI, 2007), tendo o evergetismo um papel importante. Nesse processo destaca-se a produção de ágoras retangulares com quadripórticos e de plateias flanqueadas por pórticos, elementos fundamentais do urbanismo romano no oriente.

No tempo de Augusto, após a destruição provocada em 86 a.C. pelo general Sula, a Ágora de Atenas foi recuperada e dela foram banidas as atividades comerciais para a Ágora Romana, transformando a primeira em um espaço para culto do império. Essa ágora compunha, com a biblioteca de Adriano, um conjunto de quadripórticos de grandes dimensões. A primeira, construída entre 19 e 11 a.C., possuía pórticos jônicos ao redor de duas das faces do pátio interno retangular, abrigando atividades comerciais, escritórios e depósitos, com acesso pelos pórticos. Partes remanescentes das colunas ainda são observadas no local (*Figura 8*). Em 132 d.C., ao norte da Ágora foi acrescentada a Biblioteca de Adriano, com um pátio interno cercado por pórticos.



FIGURA 8 – Remanescentes dos pórticos da Ágora Romana de Atenas.

Fonte: Fotografia dos autores (2019).

Desde o século I, a ágora de Corinto possuía quadripórtico e *stoai*. O mesmo ocorria em cidades da Ásia Menor, onde o quadripórtico era recorrente na paisagem, como em Afrodisia, Éfeso, Mileto e Side (GROS; TORELLI, 2007). Em Pérgamo, nas cidades média e alta eram muitos os recintos porticados, como ginásios, ágoras e teatros.

A plateia flanqueada por pórticos foi um elemento marcante tanto nas colônias do oriente, na era imperial, como na via do Panatenaico, em Atenas, ou no cruzamento de grandes vias com pórticos em Antioquia, na Ásia Menor, onde tal solução pode ser observada em Perge. Essa prática se repete em Gerasa, na Transjordânia, além de Apameia e Palmira, na Síria. Em Palmira é notável o uso de pórticos de forma a esconder a irregularidade do conjunto edificado (GROS; TORELLI, 2007).

Até a dissolução do Império Romano do Oriente, os pórticos foram um dos elementos característicos do urbanismo romano no território conquistado. A *Figura 9* apresenta a delimitação das províncias de Roma,

segundo seu status jurídico e a localização de suas colônias, no período de Trajano, permitindo compreender a abrangência desse programa urbanístico. Na alta Idade Média, suas funções ficaram mais restritas aos templos e voltaram a adquirir significado mais vinculado à vida urbana após o século XII, disseminando-se por todo o mundo ocidental e conferindo identidade às cidades até os dias atuais.

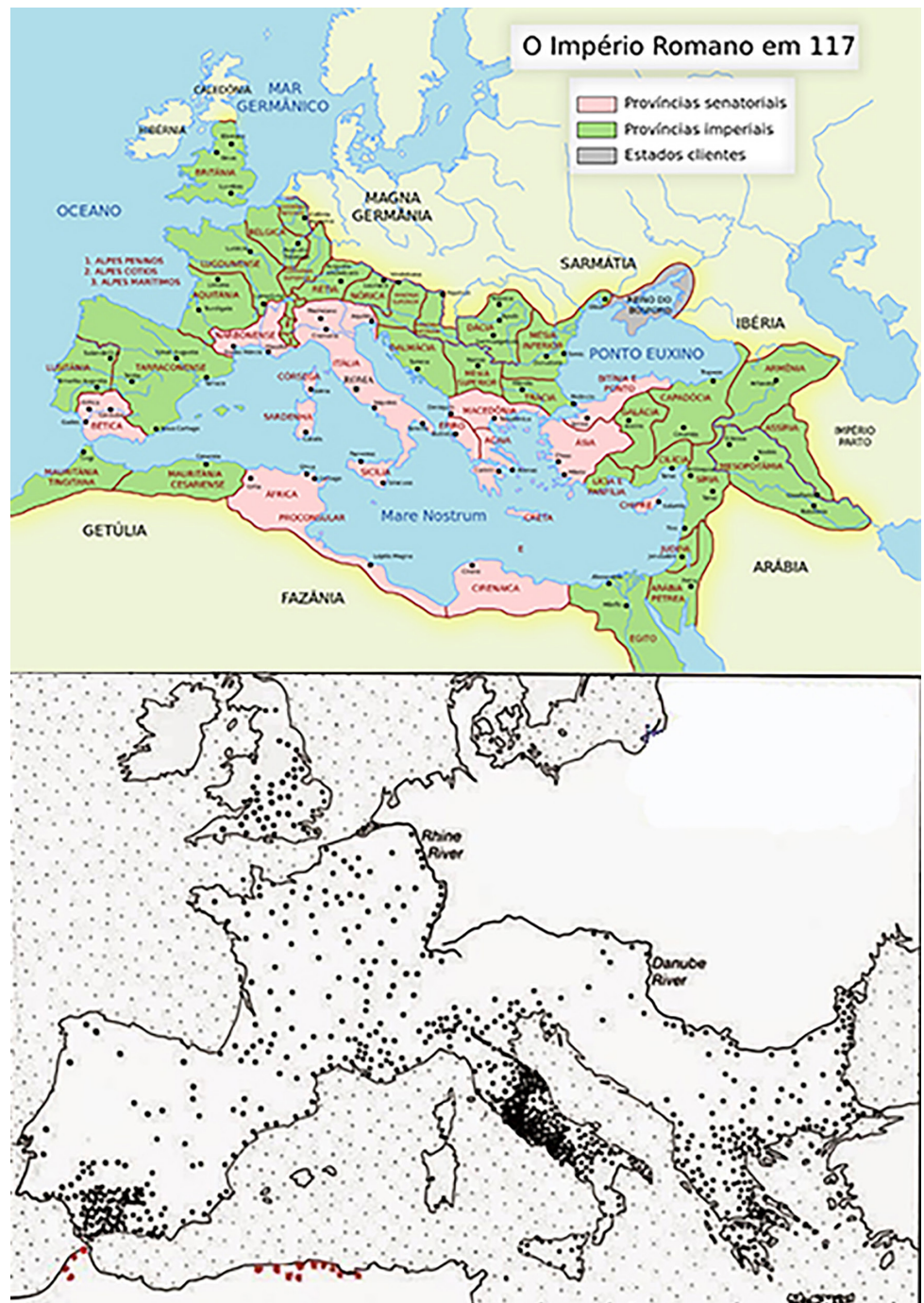


FIGURA 9 – Províncias segundo *status* jurídico e localização das colônias romanas no período de Trajano.
Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Prov%C3%ADncia_romana#/media/Ficheiro:RomanEmpire_117-pt.svg. Acesso em: 14 dez. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de pórticos, identificado em civilizações do oriente próximo desde o segundo milênio a.C., adquire importância urbanística no mundo grego, a partir do período clássico, consolidando-se como elemento fundamental da vida urbana na fase helenística, quando é assimilado pela Roma republicana.

A partir da influência helênica na arquitetura no Fórum e no Campo de Marte, os pórticos se tornam essenciais para a conexão do tecido urbano de Roma, ligando edifícios de variadas funções, como bodegas, templos, teatros, termas, fontes e basílicas e servindo-lhes de acesso e espaço de permanência.

É no período imperial, no entanto, que o pórtico se torna um dos símbolos mais importantes da romanização, difundindo-se, a partir do modelo urbanístico oficial, nas províncias e colônias do Império, com variações em seu uso de acordo com o contexto geográfico, consolidando espaços de transição entre interior e exterior das edificações, conectando logradouros e oferecendo áreas especiais de fruição da vida urbana.

Embora o pórtico não tenha surgido no mundo greco-romano, é a partir dele que seu uso urbanístico se dissemina pelo ocidente e oriente próximo, chegando aos dias atuais como elemento inconfundível que caracteriza uma vida urbana intensa, vibrante e ciosa de senso estético.

NOTAS

1. A denominação de estoicos aos seguidores de Zenão deriva de stoa, galeria de pórticos.
2. A civilização micênica se desenvolveu a partir da metade do segundo milênio a.C.
3. Arqueólogo britânico que escavou Cnossos, em 1900, criticado por ter autorizado intervenções no conjunto não baseadas em evidências.
4. Templos dedicados a um deus.
5. Segundo Guidi e Apollonj (1935, *online*), os pórticos construídos nos templos eram chamados de "dormitório", "[...] porque peregrinos dormiam ali na esperança de ver o deus em um sonho e obter a cura".
6. Não confundir com o Pórtico de Otávio, próximo a este.
7. Vitruvius (2007) recomendava a construção de pórticos *post scaenam* para a conveniência do público e para a preparação dos coros.
8. Galeria abobadada subterrânea ou semienterrada. Como em Conimbriga, Ampurias, Arles, Bavay, Reims e Nyon, sua função era apoiar um dos elementos religiosos do fórum, quase sempre um templo, ou um terraplano, como em Cartago (GROS; TORELLI, 2007).
9. Trevere, a mais importante cidade da província, mais tarde tornou-se capital do Império.

REFERÊNCIAS

- BENEVOLO, L. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BLACK, J. Traces of the Minoan civilization from Egypt to Syria. *Ancient Origins*, 24 jun. 2013. Disponível em: <https://www.ancient-origins.net/news-history-archaeology/traces-minoan-civilization-egypt-syria-00581>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- COARELLI, F. *Rome and environs: an archaeological guide*. Berkeley: University of California Press, 2014.
- GATTI, E. Roma, Scoperte di antichità a Piazza Colonna. *Notizie degli scavi di antichità*, 1917.

GROS, P.; TORELLI, M. *Storia dell'urbanistica*. Il mondo romano. Roma: Laterza, 2007.

GUIDI, G.; APOLLONJ, B. *Portico*. Enciclopedia italiana di Scienze, Lettere ed Arti. 1935. Instituto Giovanni Treccani. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/portico>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MEDLEY, J. Egyptian Influence on Minoan Religion and Culture. *The Thinker*, 2017. Disponível em: <https://essayfrolic.wordpress.com/2017/05/30/egyptian-influence-on-minoan-religion-and-culture/>. Acesso em: 27 jan. 2022.


MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana, desde sus origenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

RUDOLFSKY, B. *Streets for People: a primer for Americans*. Nova Iorque: Anchor Press, 1969.


TAYLOR, R.; RINNE, W.; KOSTOF, S. *Rome: an urban history from antiquity to the present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura*. Lisboa: IST Press, 2007.

JOSÉ MARQUES CARRIÇO

 0000-0002-2249-5409 | Universidade Católica de Santos | Centro de Ciências Exatas, Arquitetura e Engenharia | Curso de Arquitetura e Urbanismo | Santos, SP, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: J. M. CARRIÇO | E-mail: jose.carrico@unisantos.br

ANA ELENA SALVI

 0000-0002-4078-8205 | Universidade Paulista | Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia | Curso de Arquitetura e Urbanismo | São Paulo, SP, Brasil.

COLABORAÇÃO

J. M. CARRIÇO colaborou na pesquisa de fontes utilizadas, elaboração do texto, fotografias e edição das figuras; A. E. SALVI colaborou na pesquisa de fontes utilizadas, elaboração do texto, fotografias e revisão final.

COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

CARRIÇO, J. M.; SALVI, A. E. O uso de pórticos no urbanismo greco-romano: a disseminação de uma função de integração urbana. *Oculum Ensaios*, v. 20, e235176, 2023. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v20e2023a5176>

RECEBIDO EM

18/11/2020

VERSÃO FINAL EM

20/1/2022

APROVADO EM

12/8/2022

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas Magalhães e
Renata Baesso Pereira